

Além do palco e dos holofotes: Édipo, a maior de todas as bichas¹

Alexsandro Rodrigues²

Matheus Magno do Santos Fim³

Steferson Zanoni Roseiro⁴

Resumo: *Da vida comum para os programas de auditório e para as igrejas, as ex-bichas são constantemente atravessadas por discursos que se propõem a falar de suas vidas, da escolha de seus caminhos tortos e do momento em que encontram a sua salvação. Por meio da análise de vídeos do YouTube, em estratégias constante de produzir falas sobre si, notam-se tentativas de justificar e corrigir advindas dos saberes psicanalíticos e da religiosidade cristã. Essa*

1 Este texto é um ensaio produzido a partir de dados preliminares do projeto de pesquisa financiado pela Universidade Federal do Espírito Santo e intitulado *Rebanhos, territórios e identidades: quem mesmo paga a conta na disputa pela Carne entre Deus como identidade ou o Demônio como Diferença* (2015/2016).

2 Professor do Centro de Educação e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Coordenador do Grupo de Estudo e Pesquisa em Sexualidades (GEPSS/Ufes). xela_alex@bol.com.br

3 Aluno do curso de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo e bolsista de Iniciação Científica (2015/2016). Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Sexualidades (GEPSS/Ufes). magno_fim@hotmail.com

4 Aluno do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Espírito Santo e voluntário de Iniciação Científica (2015/2016). Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Sexualidades (GEPSS/Ufes). zanoniroseiro@hotmail.com

articulação permite a existência do fenômeno ex-bicha e nos coloca a observar como as tecnologias dos dispositivos de sexualidade são fortemente influentes na produção de modos de vida, e como, ao mesmo tempo, são apropriadas por um discurso midiático que pouco diz sobre a verdadeira complexidade de uma sexualidade que vai além do “ex”.

Palavras-chave: *Ex-gay. Sexualidade. Complexo de Édipo. Moral cristã.*

- Mas você não é bicha?

- Não. Sou bicha, bichona, bicheréréréééerrrima, sem a mínima condição de deixar de ser, nunca mais. Vou ser bicha pra sempreeee⁵.

Uma bicha nunca está sozinha! Ela anda e se faz em bando. Junta-se a outra e estão sempre preparadas para dar pinta, fechar com os flashes, ocupar lugares no palco, virilizar nas redes sociais, estar em cena, ser a cena. Por não estar presa a um corpo identidade, ela desfila em zigue-zague entre todos nós. A vida dela é uma estreia diária, é diferença e simulacro; precisa de outras para se (des)fazer. Ela faz e se desfaz com os restos de si e do outro, juntando tempos, espaços, dispositivos e tecnologias. Uma bicha nada mais é do que um compromisso consigo mes-

5 Fragmentos de fala do Programa *Vai que Cola*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7JIMMy8ISSo>>. Acesso em 14/12/2015.

ma. Não segue o script do outro, ela trabalha com as sucatas, com os restos, com aquilo que provoca e a desloca. Para ela, os restos se transformam em acontecimentos, realidades, afecções – disparadores para outros modos de estar numa cena bicha. Ela joga o tempo todo com os restos das ideias e ideais do que sabemos sobre nossa condição humana e inumana. Uma bicha não é uma identidade, um corpo e nem um gozo. Ela goza e zomba de si e do outro com seu gozo. E, ao gozar, produz escracho.

Uma bicha não se quantifica, didatiza, curriculariza, cura e salva; ela *não* quer ser curada! Ela quer ser moléstia da peste! A bicha é uma praga rizomática. Sua força como potência é demoníaca, é multiplicação, é força da multidão. E, sendo restos, toda sua feitura excede os limites da linguagem e dos saberes comportados. A bicha, malévola, é condição de selvageria! Nada de buscar os confortos dos discursos da sexualidade, do gênero, do corpo, do desejo-prazer. Ela pode e sacode a poeira dos pensamentos cristalizados nos confortos da psicologia, da pedagogia, da comunicação, da educação.

Pura biofilia, maquina de guerra, a bicha não se conhece com e por meias palavras. Seu exercício, como prática de si, é campo da imanência – é combate e embate. Ela nunca sabe onde e como vai estar. É pura surpresa; bela surpresa. Joga-se e se espalha para todos os lados, embicha tudo a seu redor. Seu

verbo é o embichar e sua atividade embichadora, atrevimento existencial, é de não ser o que se pensa que é se é. Ela desafia; aparece como que de supetão. No silêncio da noite a bicha pode aparecer e fazer palco, texto e discurso. Ela é o incapturável, projeto de si, obra de arte sem fim.

Ah, e seu projeto é a própria felicidade!

O desejo e o prazer bicha podem ser capturado pelos moralistas de plantão, medido, medicalizado, curado, salvo. Mas a felicidade – a felicidade bicha! – esta não pode ser capturada. E por não poder ser capturada, é alvo de controle. Controle o desejo e o prazer dela e logo a felicidade não acontecerá!

Ora, mas uma bicha não quer ser um homem, homossexual, mulher, lésbica, não que ser um gênero, nem dois, nem três. Não quer se afinar com os discursos do desejo e do prazer. Ela sabe – porque é geniosa, nervosa e palqueira – que

[...] a medicina e a psicanálise se serviram muito dessa noção de desejo, precisamente como uma espécie de instrumento de inteligibilidade, por conseguinte, de padronização em termos de normalidade, de um prazer sexual: dize-me qual é teu desejo e te direi quem és, te direi se és doente ou não, te direi se és normal ou não e, em consequência, poderei desqualificar teu prazer ou, ao contrário, requalificá-lo (FOUCAULT, 2015, p.7).

Mas a bicha não quer dizer e nem sabe dizer seu desejo!

Não diz porque não precisa dizer. Ela desconfia que seja alvo de atenção de um desejo obsessivo de correção. Todos têm seus olhos virados nela e, enquanto todos a olham, ela desfoca e produz outros modos irreverentes de ser vista. Todos querem as bichas. As igrejas querem o seu testemunho. As redes de TV não vivem sem elas. Elas aparecem nas políticas e na cena política. É possível existência sem a *bicha*? Ela invade, ocupa, produz. No cinema, no teatro, na televisão, nas capas de revistas, de jornais, na escola, na universidade, nas igrejas, ela se espalha.

A bicha é motivo de pesquisa e se pesquisa. Elas também querem saber por que provocam tanto desejo e não se conformam com os discursos deterministas sobre elas mesmas. Modos outros de escritas – escritas debochadas, de si mesmas – podem nos provocar outras narrativas de nós mesmas. A bicha ri! Ela ri do limite inventado para pensar que elas não são felizes. Querem entristecer ela! Dizem por aí que ela é o ponto de discórdia, da pedofilia, dos lares desestruturados, dos filhos sem pai. Ela é a certeza do falo, do patriarcado, das normas de gênero. A bicha na boca de muitos é a vida que vale menos!

A bicha por não ser, não se permite ser uma ex-bicha. Ela é bicha para sempre. O sempre para ela é da afirmação do aqui e do agora. Ela afirma o que não é. Não é o que achamos que seja, é sempre meio e fronteira. Seu caminho investigativo é o da

desconfiança. Ela desconfia. Desconfia de si principalmente. Ela não nega sua existência. Ela existe. E sua existência extrapola o corpo-identidade-gênero. Ela não precisa de pênis, vagina e muito menos do falocentrismo. A bicha fragiliza o falocentrismo e se nega as prisões que inventaram para ela. Ela recusa lugares de ex! Ela não quer ser tomada como ex-gay, ex-bicha, ex-homossexual, ex-heterossexual, ex-travesti. Estes lugares identitários não comportam um modo bicha. Ela não é um dado, não tem essência.

Jogos de luzes buscam enquadrá-la. Palavras, sons, apelos religiosos, políticos e educativos miram ela. Querem, a todo custo da inclusão. Ela é personificada num jogo de sedução e apostas de conversão. Não querem acabar com a ela, até porque, precisam da sua existência. Ela não pode ser exterminada. O desejo é de conversão, um retorno à origem dos que governam.

E nas perspectivas de controle entre ciência, teologia, política, comunicação e educação, as bichas que assumem a autoria desse texto embichado, iniciam uma diálogo com tecnologias de poder – programas de televisão, vídeos do Youtube – com a proposição de compreender o fenômeno midiático da bicha ex-gay, ex-viada. Assim, este texto busca estabelecer diálogo com testemunhos, entrevistas e uma peça teatral. No acervo de nossas

discussões, transitamos entre os testemunhos de Joide Miranda⁶, Dennis Jernigan⁷, Lanna Holder⁸, Eduardo Rocha⁹ e do Pastor Israel Simas¹⁰, mas também com as entrevistas com o ex-ator pornô Giuliano Ferreira¹¹; lançamos a todos uma pergunta que parece cada vez mais longe de ser respondida: *que bichice se rejeita quando se afirma ex-bicha?* De posse desses argumentos e nos valendo dos programas e vídeos analisados, a bicha ex-viada – interpretada por Paulinho Serra¹² – sobe no palco e, com ela e elas, ampliamos as cenas, os flashes e os enquadramentos. Os vídeos são cortados como as bichas bem os entendem; rompem a videografia muito aprisionada e fazem a bicha falar por detrás de toda ex-bicha, ex-viada. Mas um alerta é feito: “Preparem-se!

6 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VNpgTLlo18>>. Acesso em: 01/12/2015.

7 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sb5MUykZufw>>. Acesso em: 07/12/2015.

8 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=A80DxqoA0OU>>. Acesso em: 07/12/2015.

9 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1o7XB73haiw>>. Acesso em: 07/12/2015.

10 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xLaK1dNFuqU>>. Acesso em: 01/12/2015.

11 Disponíveis em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IKIDl-yjFlk>>; <<https://www.youtube.com/watch?v=PotqapxXNqQ>>; <<https://www.youtube.com/watch?v=YnfcZYJXCM>>. Acesso em: 04/12/2015

12 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wFfLOVhK1tM>>. Acesso em: 01/12/2015.

As bichas têm o que falar!”.

A bicha ex-viada sobe ao palco

*Menino, eu sou é ómi
Menino, eu sou é ómi
E como sou!¹³*

Uma bicha cruza o palco com calça cintura baixa, uma tanga bem à mostra e uma blusa amarrada na altura dos peitos. Rebola feito louca e diz: “Vamos mandar logo um papo reto: eu sou ex-viado. Parei com essa parada de dar a bunda”.

A reação é a esperada: risos assaltam o público e não era para ser diferente. O palco é para colocar em foco uma temática de ainda falada ou com muito ardor ou por vozes debochadas. Como a própria personagem bicha-ex-viado fala: «Ela pega no meu pé pra caralho porque ela fala que eu dou pinta. Tipo: a louca, né?» – e ri.

A personagem criada pelo grupo teatral *DEZnecessário* e interpretada por Paulinho Serra insere, em linhas gerais, a problemática da *bicha* como um conceito em discussão. Ela afirma, a todo momento, ter largado a viadagem e se jogar de cara no

13 BARROS, A. Homem com H. In: MATOGROSSO, Ney. Ney Matogrosso. São Paulo: Ariola Discos, c1981. 1 LP (2:57).

corpo da mulher. E sempre que a ex-viada é afirmada, é preciso que ela se reinsira em linhas duras da heterossexualidade. “Pron-to, ela ficou boba, peguei! Passei a noite inteira... *pá, pá, pá, pá*, comendo a bucetinha dela. Maravilhosa!”.

Esse ponto da afirmação reincidente, ou, melhor, de uma afirmação que só pode acontecer se provada infinitesimalmente, é que nos chama atenção. Afinal, o que deve ser provado quando o que entra em jogo é um modo de se relacionar sexualmente? Quais jogos de verdade estão em questão quando se discute sexualidades?

Tomando essa personagem, a bicha ex-viada, poderíamos colocá-la diante de uma bancada evangélica, de um programa de fofocas de televisão ou mesmo em uma entrevista “*cult*”, e, ainda assim, essa personagem seria questionada ao infinito de seu “íntimo”. Seria colocada para falar, inserida em uma aparelhagem complexa de tecnologias de *fazer falar* (FOUCAULT, 2014) para se estabelecer a verdade sobre essa nova categoria.

Ou talvez, como o entrevistador *cult* lembraria, algo se passa pelo meio.

E o que as tecnologias de *fazer falar* precisam é capturar, justamente, os paliativos, os fatores atenuantes que explicam os fins. Pensemos, por isso, nessa bicha ex-viada se justificando por

sua vida contando sua própria história. Ela poderia encontrar em sua infância, por exemplo, causas “naturais” que indicariam riscos a sua sexualidade “normal” e “fatores de vulnerabilidade”, isto é, as coisas que contribuíram para ser uma bicha.

Ora, se o palco é para comédia, a bicha poderia falar isso de muitos modos e manter a graça. Todavia, se esse cenário muda minimamente e, agora, estamos diante de uma poltrona formal e asséptica em uma sala límpida, toda a conversa muda. A bicha ex-viada deixa de fazer piada sobre sua própria sexualidade para se colocar em um lugar de explicações, transitando entre abismos. Ela nos lembraria, diante de um pastor, de uma passagem bíblica que marca toda a sua vida: “Um abismo chama outro abismo”. E, por isso, não poderia fazer de sua vida passada outra coisa que uma sequência de abismos. É que, “quando comecei a conhecer meu pai, ele já era um homem muito violento [...], então eu não tinha o referencial de homem dentro de casa” – ela poderia nos dizer. E, certamente, o pastor lhe perguntaria de seus outros abismos, apto a extrair a verdade e fazer de sua fala uma variação do discurso universal da bicha ex-viada. E, sob seu olhar, tudo o mais poderia entrar ali: violência, prostituição, drogas, vida travestida...

Mas nossa bicha não se mantém em um único palco. Uma mudança rápida da cena com as cortinas abertas é feita.

Pessoas aparecem e lhe maquam na frente da plateia. Dão-lhe, a todos os olhos, o pior dos cansaços. A bicha envelheceu e perdeu sua vida; agora ela aparece em uma poltrona-quase-divã em um fundo preto marcando sua fala pelo tom confessorio de caráter baixo e formal. Parece, todavia, altamente orgulhosa. Os abismos parecem ficar para trás. «Muitos que me viam no passado, me viam até mesmo sem esperança, sem saída, mas hoje o Senhor tem feito algo glorioso sobre minha vida». O orgulho reina e, diante dos abismos que ela continuou a colher, ela se vangloria por se «libertar» da vida que a escravizava. «Hoje mantenho uma relação saudável sexual com minha esposa [...] porque quando Ele me libertou, Ele me libertou por completo».

Por fim, a cena muda novamente. Agora a bicha volta um pouco mais animada, como se estivesse no quarto da amiga *nerd*. Ela sorri e faz pose para o entrevistador que, agora, não é mais um pastor e nem o público. Está concentrada em contar sua verdade por sua própria voz e, inclusive, entrega um livro e se diz autora. *Luz, câmara, ação e transformação!*, lê-se na capa e a bicha ex-viada explica, logo de cara, “Eu já fui ator pornô, mas é porque eu sempre quis dar um pé de meia para meu menino”.

O palco não muda, o cenário não deixa de ser convidativo, mas, por alguma razão, a bicha ex-viada se levanta e desliza

pela lateral para se sentar junto à plateia. E o palco fica vazio por alguns minutos, até que alguém da plateia grita: “Ué, cadê a bicha?”.

E ninguém responde.

A bicha foi posta em dúvida. Afinal, quem é a bicha?

Édipo, a maior de todas as bichas

Transeunte dos abismos, a bicha nos aparece como a vida errônea, fadada a cruzar e costurar abismos até ser erradicada. Andar com travestis, colocar saia, se prostituir, usar drogas, passar por violências, viver a ausência paterna, etc.. Por entre abismos, a bicha repete o discurso “causal” que lhe explica e justifica todas as suas ações. “Com seis anos de idade, eu fui violentado por um advogado que morava em frente a minha casa”, ela poderia se explicar. E o pastor compreenderia; não haveria mais segredo, estariam explícitas as relações, pediria, apenas, o ponto final da causa-efeito. E ela, pronta para ser traduzida e cientificada, acrescentaria: “Só que eu tive vontade de compartilhar isso com meu pai, mas como compartilhar isso com meu pai se eu não tinha um pai dentro de casa?”.

Nessa trama, há uma produção incessante explicativa das causas e efeitos, das causas e consequências. A bicha não apenas

é levada a se confessar nas tecnologias do *fazer falar*, mas também é posta a descobrir sua própria “verdade”. Como Prado Filho (2013) diz, no jogo da confissão, o confidente se apresenta como alguém na qual a verdade quer descobrir a todo o custo, mas que essa verdade, de algum modo, é tão camuflada que ele se vê na necessidade de pedir a outro para “encontrá-la”, para “descobri-la”. Falta-lhe algo que se omite continuamente. E isso que deve ser descoberto é o *desejo*.

É esse *faltar algo* que fundamenta o desejo que os pastores e as igrejas parecem compreender. Um desejo que só pode existir por ausência de algo, um desejo altamente psicanalítico. Faltaria à bicha, a referência de homem, o cuidado masculino, o afeto e a afirmação do pai, mas também a repreensão; faltaria, ainda, uma infância “bem formada”, uma vida bem vivida e guiada. Tal qual toda a teoria psicanalítica não hesita em assegurar com seus tons monótonos: *faltam-lhe as referências identitárias*. E toda a viadagem da bicha seria explicada por essas faltas nas relações dela enquanto criança. Ora, é bem curioso que, enquanto as histórias se seguem, as viadas ao subirem no palco poderiam contar suas histórias e, obviamente, encontrariam nelas seus “abismos”; e tanto a igreja e quanto a psicanálise teriam um pouco de dificuldade de deixar esses abismos de fora das “explicações lógicas” da vida das bichas. Não hesitariam, em momen-

to algum, em dizer que a vida – tal qual se apresenta– só pode ser pensada enquanto uma série sucessiva de faltas e abismos e que, de algum modo, precisa ser salva. A bicha, fora do palco e junto à plateia, poderia se virar para alguém do lado e confessar que, por ser pai aos 17 e pai solteiro aos 18, ela precisava dar conta de sua vida financeiramente e, apenas por isso, por essa *falta*, é que ela se permitiria ser contratada como ator pornô e, principalmente, como ator pornô em filmes gays.

Talvez a grande cena seja o casamento da Igreja e da Psicanálise. Certamente, essa é a cena esperada pela bicha sentada na plateia. Ela aguarda os votos do cortejo que, há décadas, vem sendo realizado por elas.

Vídeos vão sendo expostos, todos mudos e em preto e branco. E, após um silêncio de imagens, o palco é assaltado por uma série de *papa* e *mama*, de *papai* e *mamãe*. E as imagens todas gritam essas palavras em muitas formas. Estupros, abandonos, incestos, desejos omissos, agressão, ausências. E nessa lógica psicanalítica o discurso religioso faz festa. Quando as próprias imagens deixam de falar isso, pastores, missionários, evangélicos, padres fazem histórias bichas falarem por seus rostos e seus lábios que imitam palavras de ordem: “pai”, “mãe”, “culpa”.

A vida parece facilmente reduzida a Édipo; “[...] não é uma lei, mas um complexo ideativo” (GARCIA-ROZA, 2009, p.

218), parece se defender a psicanálise. E, mesmo não sendo uma lei, os vídeos e as bichas expostas neles parecem cada vez mais distantes de fugir de Édipo. Elas falam e, imediatamente, são arremetidas a histórias de ausências do falo – símbolo de poder e completude – em suas vidas.

E é justamente nessa lógica psicanalítica constante que o discursos religioso encontra solo fecundo. A Igreja galanteia com a psicanálise em flertes em que sempre Édipo é chamado à conversa para explicar o comportamento da viada. Freud jamais imaginaria – em suas análises das famílias burguesas heteronormativas da Europa do início do século XX – as apropriações desse fenômeno edipiano para justificar a vida de tantas bichas, sapatões, travestis e transexuais. E, ainda assim, cá estamos todas nós, bichas, sujeitas ao discurso do Édipo Rei.

Poderíamos encontrar por detrás desse cortejo secular, como Foucault (2014) nos apresenta, a formação desses saberes psicanalíticos, e de tantos outros que se propuseram a falar da sexualidade, em meio a um dispositivo que incitava cada vez mais um *fazer falar* sobre os atos mais obscenos e os desejos mais infames de corpos alvo desses mesmos saberes. Ou seja, há a produção de um saber disciplinar que, junto a uma moral da época marcada pelo perigo da carne na visão cristã, visa justamente explicar e, em dadas medidas, mediar e corrigir os dis-

curso e as práticas desviantes dessa moral.

Se colocássemos a bicha de frente a um confessor crente na infalibilidade do discurso do Édipo e que se esforça para trazer tal verdade a uma vida do século XXI, teríamos uma incansável relação da falta da figura paterna na infância com o aparecimento dos comportamentos transviados na adolescência para a vida adulta. A confissão seria como um jogo de procurar indícios cada vez mais parecidos com o jogo de cena edipiano, uma busca interminável para que se valide essa verdade e para que essa verdade valide a crença numa sexualidade deformada pelo passado.

E tal roteiro da formação da família burguesa e heterossexual escrita por um médico do início do século passado serve, ainda hoje, para a grande maioria das narrativas das ex-viadas. É o mesmo *script*, muda apenas de cenário e personagem, podendo ser um púlpito numa grande igreja ou um palco de um programa de auditório que costuma abordar polêmicas, protagonizado pela ex-travesti que foi se prostituir na Europa enquanto consumia álcool e todo tipo de drogas; ou o ex-viado que sempre foi muito talentoso, mas que nunca pode exercitar seu dom por viver uma vida promíscua; ou a ex-sapatão que sempre quis constituir uma família, mas que viveu por anos em meio a rituais de macumba com outras mulheres. Todos eles com as primeiras cenas de suas infâncias marcadas por um pai pouco presente,

que deixa a casa, que é violento, que pode ter abusado dos filhos ou que não tem uma presença tão marcante quanto a figura da mãe.

De algum modo, Édipo se torna a maior das bichas: a mais recorrente, a mais procurada, a mais promíscua e, ainda assim, a mais recatada. Édipo se torna, em miúdos, a bicha pública das ex-viadas. A tragédia grega é primorosa para as câmeras.

Vida de palco, vida atuante, vida ensaiada

Ora, mas toda a vida merece ser salva. “Para o Senhor, nada é impossível”, diz a bicha ex-viada convicta de sua religiosidade. E, para essa fonte Toda Poderosa, a tragédia grega televisiva é justamente o que precisa para agir sobre. À bicha televisiva não basta a tragédia, é preciso também o momento do perdão divino e da salvação.

Nos dizeres de Agamben (2014), todo o discurso religioso se fundamenta no duplo da salvação e da criação, isto é, no trabalho profético de eleger e de erigir o mundo. A bicha ex-viada, saindo da plateia, volta ao palco, mas, dessa vez, por vídeo. Ela conta, em um borrão de maquiagens, não mais apenas de si, mas de também de colegas que são suas outras atuações. O clímax do enredo, como a plateia logo descobre, não está na acusação

edipiana da bicha televisiva. Na maioria das vezes, as ex-viadas não ficam desamparadas por um discurso que apenas aponta a origem do problema e que não diz como corrigi-lo; ao contrário, os discursos explicativos vêm fazendo o duplo trabalho cristão: salvar e produzir, salvar e criar, escolher o mundo e produzi-lo tal qual o idealizam.

O clímax do enredo está justamente na resolução desse enigma. É o momento de encontro com o divino que trará o caminho certo para reestruturar um psicológico tido como abalado desde os primórdios de sua infância.

Essa salvação e criação, o salvar do pecado, da vida nos abismos, infame e desde sempre mal resolvida, emanará do poder divino, representado por outro personagem muito familiar nesse enredo. Serão das boas almas caridosas encontradas por acaso nos piores momentos – que amam incondicionalmente aquele irmão naquela condição – que o ajudarão a se reerguer por um preço mínimo. É pelo simples fim das práticas sexuais errôneas, pela readequação do corpo ao sexo biológico e pela construção de uma família sadia que a bicha deixaria de ser a ex-desviada, ex-drogada, ex-prostituta e ex-abusada.

Para um final feliz na qual Édipo é finalmente restaurado nessas vidas, há a divulgação da possibilidade de mudança, do uso correto do livre arbítrio para uma vida sexual mais condi-

zente com os propósitos divinos. É a necessidade de falar de si, servir como o próprio testemunho, validando aquela vida e convidando as outras, que ainda não são *ex*, a buscarem a confissão mais próxima para desvendarem a origem de tantos caminhos tortos, a falarem dos mínimos detalhes de suas infâncias, suas lembranças mais antigas e suas fantasias mais secretas.

A bicha do palco já sumiu e, em seu lugar, há a ex-viada generalizada na figura de Édipo restaurado, Édipo cristão. A vida de palco, de algum modo, acaba por se tornar uma vida a ser restaurada, “corrigida”. No palco, a vida atuante não apenas é *feita falar*, mas também é local de interdição de toda uma tecnologia de correção, de “salvação” da vida (FOUCAULT, 2010). O palco é menos um local de exibição da vida restaurada e mais uma das instituições envolvidas no próprio processo de salvação; as câmeras são, em absoluto, parte primordial daquilo que produz a própria salvação.

Por isso, de todo o modo, a bicha ex-viada é convidada a fazer parte do culto e da vida cristã. A ex-travesti, a bicha drogada, a pornográfica profissional e a bicha montada se unem para orar e confessar sua vida. E, não há dúvida, o pedinte da confissão achará abismos causais para a viadagem, o travestimento e a profissionalização pornográfica. Mas é preciso que os abismos sejam capturados pelas câmeras; é preciso que circulem. As ima-

gens das bichas ex-viadas precisam ecoar tanto quanto a própria teoria edipiana e fazer núpcias com o mundo bicha.

Eis, portanto, a overdose de imagens fílmicas, de vidas atuantes expostas em palcos remotos. As bichas ex-viadas confessam não apenas para ganhar público, mas, principalmente, para afirmarem seus ensaios. Afinal, elas vivem uma vida ensaiada, uma vida entre o “acerto” do presente e o “erro” do passado o qual não podem esquecer. A toda ação viada caberá uma explicação lógica racional e um grito a ser “corrigido”. E, obviamente, a salvação só pode ser encontrada na própria rendição à máxima figura cristã: Deus e o Espírito Santo.

Diante da vida pastoral, a vida ensaiada não pode outra coisa além de se submeter aos poderes controladores de toda a tecnologia de *fazer falar* para garantir sua sexualidade. É preciso que os ensaios, aqui, afirmem ao tom de Ney Matogrosso, “Menino, eu sou é ómi / Menino, eu sou é ómi / E como sou!”.

Ora, mas a vida entre ensaios – a vida ensaiada –, não se aguenta apenas diante das lentes óticas pastorais. A vida acontece mesmo onde Édipo não reina, onde a lógica cristã e psicanalítica não regula a vida. Se a vida bicha é posta em processos de reedipianização, ou seja, de reinserção no trajeto «correto» de Édipo, é por, de algum modo, ser considerada uma vida precária não passível de luto (BUTLER, 2015). As ex-viadas confessas car-

regam os abismos como aquilo sobre o qual não podemos chorar e, decididamente, os vídeos nos afetam nessa direção. Afinal, como se pode chorar uma vida vivida na penumbra? Todavia, ali no próprio limite de Édipo, no limite da própria vida não passível de luto, o ensaio ganha outra forma.

No limiar dessa vida ensaiada afastada de Édipo, aquilo mesmo que é tomado por abismo se torna, talvez, *tentativa de viver a vida*. Longe da câmera pastoral e edipiana, a bicha ex-viada pode se encontrar em processos de produção de outra sexualidade, mas não necessariamente por “erros” ou “acertos”. Deslizando entre vidas, o corpo da bicha pode optar por estar viada, estar hétero, estar travestida, sapa, bandida, prostituta... Nessa lógica, a vida ensaiada tomaria o corpo como local de práticas de vida, práticas bichas. A bicha encarnada por Paulinho Serra nos provoca esse lugar: uma bicha, sem sombra de dúvida! E, ainda assim, assim, se afirma ex-viada.

E é precisamente isso que questionamos por fim: toda vida ex-viada só pode ser pensada enquanto atravessada por uma série de faltas? É possível viver vidas viadas sem que elas afirmem fracassos, abismos e rejeições? Por que nos é tão difícil fugir de Édipo e suas apropriações? Se o luto público está “estritamente relacionado à indignação” (BUTLER, 2015, p. 66) e à injustiça, por que somente as vidas capturadas por Édipo e as

tramas cristãs podem ser enlutadas?

Como bichas ensaiando, colocamos uma câmera para gravar nossa despedida. A essas perguntas, não nos debruçamos em respostas; no lugar, deixamos a câmera ligada na esperança de que outras bichas apareçam e se narrem de outro lugar, por outras tragédias além das gregas e por outras aventuras.

O palco fica vazio até o momento em que a plateia se esvai. E quando pensarmos não ter mais ninguém, talvez outra bicha suba lá e brinque de monólogo. Longe do divã e da cruz, talvez a descubramos ex-viada; talvez ela ensaie a vida fora dos limites cristão e edipianos.

E será que algum aparelho de *fazer falar* dará conta de sua história?

Referências

AGAMBEN, Giorgio. Criação e salvação. In: AGAMBEN, Giorgio. **Nudez**. Trad. Davi Pessoa Carneiro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? Trad. Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon

Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**: curso no Collège de France (1974-1975). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel (2015). O saber gay. Tradução de Eder Amaral e Silva e Heliana de Barros Conde Rodrigues. **Revista Ecológica**, n. 11, jan-abr, pp. 2-27. Disponível em

<http://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/view/23545/16906>. Acesso em: 12/12/2015.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. O sujeito e o Eu: O fenômeno edípico. In: GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. 24. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. Cap. 9. p. 196-229.

PRADO FILHO, Kleber. Uma genealogia das práticas de confissão no Ocidente. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo. (Orgs.). **Figuras de Foucault**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.